

Filha Natural

Aline Motta

A partir de uma análise inédita de iconografia histórica e relatos orais da minha família, trago à tona hipóteses possíveis sobre as origens de minha tataravó. Há indícios que ela tenha nascido por volta de 1855 em uma fazenda de café em Vassouras, zona rural do Rio de Janeiro, considerado o epicentro do escravismo brasileiro no século XIX.





Há alguns anos tenho feito uma pesquisa profunda sobre as raízes da minha família. Nesta busca, muitas histórias vieram à tona. Esta é uma delas. Minha tataravó Francisca trabalhou como escravizada numa fazenda de café em Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Eu fui até lá procurar por vestígios dela, mas encontrei apenas um possível atestado de óbito de alguém com o mesmo nome e idade aproximada que morreu na “Fazenda de Ubá”.



Fiz uma busca dos documentos referentes a esta fazenda e encontrei os inventários dos seus proprietários à época, o casal Elisa Constância de Almeida e José Pereira de Almeida. De fato uma “Francisca” estava listada como um dos seus “bens” que davam conta de aproximadamente 200 escravos. Durante a sucessão para seus filhos, que durou mais de 30 anos culminando com a abolição da escravatura em 1888, eu pude acompanhar as várias listagens em que Francisca, seus pais (incluindo sua mãe que deve ter morrido no parto do seu último filho) e seus irmãos são registrados como “bens” dos donos desta fazenda.



Na década de 1860, o fotógrafo Revert Henrique Klumb fez duas fotografias estereoscópicas na varanda da Casa Grande. Numa delas, retrata provavelmente a família Pereira de Almeida e duas escravizadas. Por comparação com quadros que fazem parte da coleção do Museu Nacional de Belas Artes, é possível que os retratados parcialmente identificados sejam Maria Julia, segunda esposa de José Pereira de Almeida, e sua mãe, D. Jeronyma. Partindo da leitura do testamento de José, é possível inferir que as duas escravizadas se chamem Joana e Rachel, pois ele as concede alforria.



José Pereira de Almeida foi o único filho legítimo de João Rodrigues Pereira de Almeida, o Barão de Ubá, um homem de muitos negócios, participante ativo do tráfico de escravos, inclusive sendo proprietário de navios negreiros. Apesar da senzala ter sido demolida e o terreiro de café ter sido transformado em quadra de tênis, a varanda continua a mesma de quase dois séculos atrás com sua notável cerca de madeira.



Ao retornar a esta fazenda em 2018, um improvável jogo de espelhamentos e troca de olhares se instala com uma nova personagem que aparece na varanda: Claudia Mamede, uma líder comunitária de Vassouras. Claudia habita este espaço simbólico como disruptora de uma certa narrativa de servidão e complacência entre senhores e escravizados. Na fotografia estereoscópica a noção de duplo faz com que o passado e o presente se choquem numa mesma representação. Com essa ideia em vista, me pergunto: o quanto de ficção existe numa realidade? A Francisca destes documentos é mesmo minha tataravó? A minha bisavó e a avó de Claudia são muito parecidas fisicamente, então Claudia é minha parente? Quais arquiteturas permanecem de pé e quais desapareceram? Que estruturas de pensamento ainda são vigentes? São essas algumas das questões que trato nesta pesquisa.



Além de uma instalação fotográfica, o trabalho conta com um livro de artista, série de fotografias, vídeo e performance. Neste conjunto de fotografias apresentado aqui, Claudia desestabiliza as narrativas e representações usuais da iconografia brasileira do século XIX tomando para si o próprio visor, em um retorno cíclico e transcendente, mesmo que ainda no Brasil de hoje, seja um gesto vindo de um futuro ficcional.

Aline Motta nasceu em Niterói (RJ), vive e trabalha em São Paulo. É bacharel em Comunicação Social pela UFRJ e pós-graduada em Cinema pela The New School University (NY). Combina diferentes técnicas e práticas artísticas, mesclando fotografia, vídeo, instalação, performance, arte sonora, colagem, impressos e materiais têxteis. Sua investigação busca revelar outras corporalidades, criar sentido, ressignificar memórias e elaborar outras formas de existência. Foi contemplada com o Programa Rumos Itaú Cultural 2015/2016, com a Bolsa ZUM de Fotografia do Instituto Moreira Salles 2018 e com 7º Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça 2019, considerado o principal prêmio de artes visuais do Brasil. Recentemente participou de exposições importantes como "Histórias Feministas, artistas depois de 2000" - MASP, "Histórias Afro-Atlânticas" - MASP/Tomie Ohtake e "O Rio dos Navegantes" - Museu de Arte do Rio/MAR.

✉ 1alinemotta@gmail.com